

RESENHA/REVIEW
VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da História: Micro-História*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

Maurício Silva

Já se tornou um verdadeiro truísmo afirmar que a transformação que a cultura ocidental conheceu no último século vale por praticamente todas aquelas que ela teria protagonizado desde tempos imemoriais da mais remota antiguidade. E embora seja temerário endossar semelhante afirmação, de fato – a acreditarmos no que os historiadores nos procuram demonstrar – o século XX parece ter sido um dos mais copiosos em termos de “eventos” culturais de toda a história humana. Mas, se os fatos históricos, nesse sentido, parecem-nos, por vezes, incontestáveis, é necessário que tenhamos a devida cautela para com a sua pretensa objetividade científica, já que a própria concepção de História sofreu – nesse século de feitos extremados, para lembrar uma expressão de um célebre historiador contemporâneo – uma transformação de fundo: deixou de denotar uma atitude positiva, inequívoca e homogênea, para significar um complexo conjunto de atividades formais voltadas para a explicação de feitos históricos que, no limite, somente adquirem consistência a partir de uma concepção multívoca de *histórias*: a história das mentalidades, a nova história cultural, a micro-história e outros conceitos afins.

É o que nos ensina, de modo ao mesmo tempo resumido e perspicaz, esse novo livro de Ronaldo Vainfas, que retira seu principal mérito do fato de ser obra mais didática do que crítica: escrito com clareza de linguagem e objetividade expositiva, seu texto possui a rara propriedade de tratar de um assunto complexo de forma

simples, sem, contudo, chegar a ser demasiadamente simplório, a ponto de inviabilizar a exposição dos conceitos.

Organizando, portanto, didaticamente sua explanação, o autor começa afirmando que, embora a micro-história não se tenha difundido em larga escala no Brasil, os debates em torno dela datam da década de 1980, quando autores da nova história cultural e da história das mentalidades começam a ser traduzidos entre nós, debates que redundaram numa percepção – pelo menos nesse primeiro momento – extremamente negativa da micro-história. Nesse sentido, o objetivo do autor é sobretudo esclarecer o conceito de micro-história, definir seus objetivos e situá-la num contexto mais amplo da Nova História, sobretudo a partir do contraste com duas outras tendências recentes da historiografia ocidental: as já citadas história das mentalidades e nova história cultural.

Desde o princípio sendo confundida com a *história das mentalidades*, de origem francesa, a micro-história, com efeito, contém pontos em comum com aquela, como afinidades temáticas, apego pela narrativa, tentativa de relacionar história e antropologia, etc. Em relação à história das mentalidades, o ponto de partida é o movimento dos *Annales*, surgido na França no final da década de 1920, sob a inspiração de Bloch e Febvre, com o intuito de combater a história historicizante prevalecente na passagem do século XIX para o XX, mais preocupada com fatos singulares, aut centrada, baseada nos eventos factuais, representada, na Alemanha, por Leopold von Ranke e, na França, por Langlois e Seignobos. A esta história, opunha-se uma *nouvelle histoire*, problematizadora do social, interdisciplinar, preocupada com as massas anônimas e dando menor relevo às determinações econômicas dos acontecimentos históricos. É nesse contexto que aparece a preocupação com o estudo das mentalidades, já desde a primeira fase da Nova História (com Bloch e Febvre), mantendo-se em sua segunda fase (com Braudel), quando prevalece a visão totalizante e socioeconômica da história, até atingir o auge na terceira fase (com Le Goff, Revel e outros), com a prevalência dos estudos acerca de processos mentais, da vida cotidiana e suas representações etc.¹ Assim, sobretudo a partir da década de 1960, a história das mentalidades predominou dentro das novas tendências historiográficas, caracterizando-se pelo apego às temáticas do cotidiano, à narrativa dos fatos e à minúcia descritiva, à interdisciplinaridade e à quantificação como bases para análises. Não obstante, é preciso considerar que a própria história das mentalidades – mormente nessa sua última fase – conheceu, ao longo de seu desenvolvimento, vertentes metodológicas distintas, podendo-se apontar três tendências: uma história das mentalidades de origem francesa,

m
VAINFAS, Ronaldo.
Os protagonistas
anônimos da História:
Micro-História. Resenha
de: SILVA, Mauricio.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 1, p. 113-117,
2002.

*1 Para um resumo
do percurso da
Nova História na
Europa, consultar
DOSSE, François. A
História em Migalhas. Dos Annales à
Nova História. São
Paulo/Campinas:
Ensaio/Unicamp,
1992.*

M
VAINFAS, Ronaldo.
Os protagonistas
anônimos da História:
Micro-História. Resenha
de: SILVA, Maurício.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 1, p. 113-117,
2002.

que busca articular o mental a totalidades explicativas (Le Goff, Duby, Le Roy Ladurie); uma de extração marxista, que relaciona mentalidade e ideologia (Vovelle); uma voltada para a simples reconstituição do cotidiano e, portanto, menos problematizadora que as demais (Hennig, Tarczylo). De qualquer maneira, todas as vertentes possuem, em sua base, uma concepção comum do que é a história e o fazer histórico, como já afirmou um de seus maiores expoentes:

história das mentalidades: estudo das mediações e da relação dialética entre, de um lado, as condições objetivas da vida dos homens e, de outro, a maneira como eles a narram e mesmo como a vivem. A esse nível, as contradições se diluem entre dois esquemas conceituais, cujos aspectos contrastamos: ideologia de uma parte, mentalidades de outra. O estudo das mentalidades, longe de ser um empreendimento mistificado, torna-se, no limite, um alargamento essencial do campo de pesquisa. Não como um território estrangeiro, exótico, mas como o prolongamento natural e a ponta fina de toda história social.²

É ainda nesse período que se forja a concepção definitiva de Nova História que, como a história das mentalidades, refere-se a um método historiográfico voltado para o ecletismo temático e para a interdisciplinaridade, sem contudo recusar completamente – diferentemente da história das mentalidades – a explicação factual e o marxismo como princípio.

Surge, portanto, a partir de meados do século XX, uma nova safra de historiadores que procurou romper com as totalidades históricas, a qual pode ser representada por Bloch (*Os reis taumaturgos*, 1924), por Ariès (*História social da criança e da família*), Mandrou (*Magistrados e feiticeiros na França do século XVII*, 1968), Delumeau (*História do medo no Ocidente*, 1978), Le Goff, Duby, Flandrin, Darmon e outros.

Além de se confundir, por vezes, com a história das mentalidades, a micro-história tem sido comumente confundida com a *história cultural*, uma vertente na Nova História que, enfatizando o estudo do mental sem desprezar a especificidade da própria história como disciplina, procurou corrigir os excessos da história das mentalidades. Nesse sentido, rejeita, antes de mais nada, o conceito – na sua opinião bastante vago – de mentalidade; além disso, busca valorizar as manifestações culturais das massas anônimas, demonstrando especial afeição pelo popular e pelo informal, diferenciando-se, nesse sentido, da tradicional história da cultura; procura ainda, nesse contexto, resgatar o papel das classes sociais, analisando os processos de estratificação e conflito sociais; enfim,

2 VOVELLE, M.
*Ideologias e
Mentalidades. São
Paulo: Brasiliense,
1987. p. 25.*

tende a apresentar caminhos alternativos à investigação histórica, emergindo antes como uma história plural. Do ponto de vista prático, essas características da história cultural podem ser exemplificadas nas atitudes distintas, porém complementares, de historiadores cujas obras se diferenciam, presentemente, da história das mentalidades: Carlo Ginzburg, Roger Chartier e Edward Thompson.³ É a partir do desenvolvimento da história cultural que se constituirá – como se verá adiante – a chamada micro-história, a qual, diferenciando-se da história das mentalidades em razão de seu esgotamento, procurou se aliar à história cultural, o que se pode perceber até no fato de alguns dos grandes nomes da história cultural serem os mesmos da micro-história (como os próprios Guinzburg e Thompson).

Desse modo, a micro-história surge no contexto dos grandes redirecionamentos dados à história nas últimas décadas do século XX, primeiro como recusa do pressuposto básico de história-síntese dos *Annales*, depois como rejeição dos fundamentos metodológicos pouco nítidos da história das mentalidades. Nascida, a princípio, como denominação de uma coleção editorial italiana (*Microstorie*), na década de 1980, dirigida por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi e publicada pela Einaudi, a micro-história pode ser representada por obras de Carlo Guinzburg (*O Queijo e os Vermes*, 1976), de Natalie Davis (*O Retorno de Martin Guerre*, 1983), de Judith Brown (*Atos Impuros*, 1984) ou de Giovanni Levi (*A Herança Imaterial*, 1985). Entre as principais características da micro-história, o autor aponta o apego à narrativa, apesar de não haver, por isso, renúncia à busca da veracidade dos fatos, ancorando-se, ao contrário, numa exaustiva pesquisa de fontes, combinando “a exposição narrativa e descritiva dos casos” (p. 102). Em suma, pode-se dizer:

a micro-história, na verdade, não inventa fatos, embora especule muito, passando ao leitor as dúvidas do historiador e os dilemas miúdos da pesquisa, contribuindo, por meio desse procedimento, para adensar o clima novelesco de muito enredos (...) Apega-se obsessivamente às mínimas evidências que a documentação pode fornecer para dar vida a personagens esquecidos e desvelar enredos e sociedades ocultados pela história geral. (p. 103).

Assim, a micro-história percorre um caminho relativamente independente, preocupando-se sobretudo com os recortes históricos minúsculos, reconhecendo “a legitimidade das particularidades como objeto da história” (p. 110). Nesse sentido, a micro-história propõe quatro tipos de redefinições: a redefinição dos pressupostos da análise sócio-histórica, da noção de estratégia social, da noção de contexto e da hierarquia das problemáticas históricas. Além disso, a

m
VAINFAS, Ronaldo.
Os protagonistas
anônimos da História:
Micro-História. Resenha
de: SILVA, Mauricio.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 1, p. 113-117,
2002.

3 Para uma visada
geral dos pressupos-
tos conceituais e da
aplicação da História
Cultural, consultar
HUNT, L. *A
Nova História
Cultural*. São Paulo:
Martins Fontes,
1995.

M
VAINFAS, Ronaldo.
Os protagonistas
anônimos da História:
Micro-História. Resenha
de: SILVA, Maurício.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 1, p. 113-117,
2002.

exemplo da história das mentalidades e da história cultural, a micro-história aproxima-se da Antropologia, sobretudo do modelo de Clifford Geertz e seu conceito de *relativismo cultural*. Não obstante, é preciso considerar que, cada vez mais, a microanálise busca tornar-se compatível com a macroanálise, tornando a abordagem histórica mais completa e dinâmica.

Assim, obedecendo ao didatismo aludido, o percurso construído pelo autor segue dupla perspectiva: primeiro, uma *perspectiva temporal*, partindo da história factual e documental, passando pela história social-marxista inglesa até chegar à chamada Nova História e, dentro dessa última tendência, expondo as três gerações dos *Annales*; segundo, uma *perspectiva conceitual*, indo da história das mentalidades, passando pela história cultural, até chegar à micro-história. Resultado desse percurso, é – como sugerimos no início – uma consideração do *fazer histórico* que pressupõe a falência da *verdade histórica*, já que, como afirmou Paul Veyne, um dos grandes representantes das novas tendências da historiografia, nenhuma abordagem escolhida pelo historiador pode ser tomada como verdade absoluta, como a verdadeira História:

les historiens racontent des intrigues, qui sont comme autant d'itinéraires qu'ils tracent à leurs guise à travers le très objectif champ événementiel (lequel est divisible à l'infini et n'est pas composé d'atomes événementiels); aucun historien ne décrit la totalité de ce champ, car un itinéraire doit choisir et ne peut passer partout; aucun de ces itinéraires n'est le vrai, n'est l'Histoire.⁴

E isso Ronaldo Vainfas explica em sua obra do modo exemplarmente lúcido, claro e didático. m

⁴ VEYNE, P.
*Comment on écrit
l'histoire*. Paris:
Seuil, 1978. p. 38.